

## **Livros Cartoneros: um movimento artístico-literário e social**

Em momentos de crise, podem surgir iniciativas criativas. E sobre períodos de crise e criatividade, o povo latino-americano conhece bem. Foi assim que surgiram os livros cartoneros, uma resposta criativa ao mercado editorial comercial, seletivo e elitizado, em um período marcado pela crise econômica. Pautados em princípios de sustentabilidade, tendo um olhar social e inserido no âmbito de uma economia colaborativa, os livros cartoneros fazem parte do universo de publicações independentes e alternativas. Enquanto publicações de resistência, se tornam campo fértil para transgressões e experimentações de suportes, linguagens e conteúdos.

No início dos anos 2000, a Argentina vivia a maior crise política e econômica de sua história, após o término da ditadura civil-militar que governou o país entre 1976 e 1983. Com o fechamento de diversas empresas e o crescente número de desempregados, a coleta de materiais recicláveis tornou-se para a população um dos meios imediatos de se obter algum tipo de renda. Dentre esses materiais coletados nas ruas para reciclagem está o *cartón* (papelão).

No ano de 2003 em Buenos Aires, Washington Cucurto e Javier Barilaro, criaram a editora independente e então cooperativa, Eloísa Cartonera. Editora esta que confecciona seus livros de forma não industrial, com capas de papelão comprado diretamente dos cartoneros - pessoas que têm como atividade financeira a coleta de cartón (o papelão). Esse formato de publicação logo ganhou visibilidade e interesse de pessoas ligadas à educação, às artes e à cultura pelas vias alternativas. Da Argentina esse tipo de produção atingiu outros países da América Latina, tais como o Chile, a Bolívia, o México e o Brasil, onde, desde 2007, se manifesta com diferentes matizes em editoras cartoneras espalhadas por diversas cidades e regiões. Após expandir-se pela América Latina, a proposta dos livros cartoneros ultrapassou os mares, chegando a outros continentes. Desta forma surge o então chamado “Movimento Cartonero”.

Cada editora ou selo cartonero assim chamados possuem características específicas e particulares ao meio social, cultural e econômico em que estão inseridos. Mas todas têm algo em comum: o emprego do papelão

reutilizado usado na confecção das capas dos livros. Esse é o elo principal que as liga a um movimento artístico-literário e social, o qual inicialmente compartilha ou pelo menos deveria compartilhar (e esta é uma discussão acalorada ainda em curso pelos editores cartoneros em atuação), de princípios de sustentabilidade; preço justo; economia solidária; produção colaborativa; divulgação de autores latinos, iniciantes, locais e independentes; incentivo à leitura; consumo de livros e discursões sociais.

Não se trata de um negócio que visa à obtenção de lucros. Não se trata de um modo de produção mecânico, seriado, fechado e inacessível. Trata-se de pessoas e sonhos; resistências e lutas; expressões e registros; compartilhamentos e trocas de experiências; acesso e visibilidade; literatura, vida e arte.

Marcelo Barbosa – Designer Gráfico e Editor da Candeeiro Cartonera – Caruaru - PE

Andréa Carneiro Lobo – Professora de História do Direito e tutora do PET do Unibrasil e editora da Voz Cartonera – São José dos Pinhais